



Identidade e Violência. A Ilusão do Destino

Amartya Sen

Lisboa: Tinta-da-China

2007, 254 pp.

ISBN 978-972-8955-19-9

Contra o romantismo conservador e “progressista”

O indiano Amartya Sen é um dos grandes intelectuais do nosso tempo (Nobel da Economia; Harvard) e, sem exagero, *Identidade e Violência* é um dos grandes ensaios publicados neste século. *Identidade e Violência* é uma desintoxicação intelectual que procura exterminar as heroínas românticas e culturalistas que dominam o debate sobre o *exterior* e sobre o *interior* do Ocidente. Ou seja, Sen critica as «teorias sofisticadas com características isolacionistas como a divisão civilizacional ou o isolamento comunitário» (p. 229) e as «teses unifocais» (p. 138) que reduzem os homens a uma única identidade (religião/comunidade). O economista indiano devasta a tese do choque de civilizações (que se tornou um cliché na explicação daquilo que ocorre no exterior do Ocidente – o suposto conflito entre Islão e Ocidente) e as políticas multiculturalistas que marcam a política interna dos Estados ocidentais (sobretudo os anglo-saxónicos). De uma assentada, Sen critica os conservadores do *clash of civilizations* e os “progressistas” das políticas multiculturalistas. Estas duas facções ocidentais partilham o mesmo «problema metodológico básico» (p. 92): elevam a *comunidade/religião* à condição de identidade única dos homens desprezando, assim, todas as outras identidades (classe, profissão, ideias políticas e morais, etc.).

A *identidade única* é uma ficção inventada pelos fanáticos religiosos no terreno e – este é o ponto central de Sen – pelos teóricos nos gabinetes ocidentais. É verdade que os

conservadores *à la* Huntington e multiculturalistas *à la* Said não têm a intenção de causar violência. Mas o facto é que «o carácter redutor das teorias baseadas num só critério de classificação pode contribuir [...] para a violência» (p. 20). Sen, no fundo, vem criticar o nosso tempo estranhamente romântico, reaccionário, culturalista e religioso. Como afirmou um dos grandes críticos deste ambiente (multi)culturalista, vivemos uma «Era de Contra-Iluminismo»¹ no Ocidente. E é curioso que seja um indiano a contestar esta atmosfera. Sen é o humanista, o iluminista, o *kantiano* que o Ocidente já não tem. E de forma kantiana, precisamente, Sen afirma que a *cultura* não é *destino*. As identidades culturais *influenciam* mas não *determinam* o nosso raciocínio.

A tese de Huntington² tem um grave problema: «revela-se deficiente muito antes de chegarmos ao ponto de perguntar se as civilizações diferenciadas [...] se chocam necessariamente» (p. 74). Porque há um erro logo na casa de partida: Huntington reduz a pluralidade de *identidades* a uma única *identidade* (religião). Há aqui um erro grosseiro na forma como se analisa os homens que actuam no palco histórico. Huntington cria um mapa-mundo onde só existe a cor da religião; um mapa sem considerações políticas (tipo de regime), estratégicas (alianças) ou económicas. O mundo fica reduzido a «uma federação de religiões» (p. 14), a blocos religiosos separadas por estritas «identidades dicotómicas» (p. 31) - judaico-cristãos *vs.* hindus *vs.* muçulmanos *vs.* confucionistas. Além disso, este reducionismo religioso despreza as diferenças existentes *dentro* das tais civilizações e as interações *entre* partes das diferentes civilizações. Quem vê o mundo pela lente de Huntington nunca conseguirá ver as diferenças internas do mundo islâmico e nunca perceberá que «mesmo no seio do Ocidente [...] desenvolveu-se um vasto e relevante leque de variedades»³ da Modernidade. De facto, o Ocidente representado por Huntington é uma ficção irreal; Huntington pinta um Ocidente sem «fissuras» e «ordeiramente dentro das muralhas».⁴ E, como sabemos, o Ocidente, neste momento, apresenta enormes e inúmeras fissuras internas, e as muralhas ocidentais ameaçaram ruir em 2003. Por outro lado, as interações entre elementos de diferentes civilizações são desprezadas. Sen recorda que descobertas científicas/matemáticas de cientistas indianos, chineses e muçulmanos foram essenciais para o arranque do Renascimento europeu. Poderíamos aqui acrescentar que, na actualidade, a sociedade americana está mais

1 Patrick West, *The Poverty of Multiculturalism*, London, Civitas, 2005, p. 5.

2 Ver Samuel P. Huntington, *O Choque das Civilizações*, Lisboa, Gradiva, 2001 [1996].

3 S. N. Eisenstadt, *Múltiplas Modernidades*, Lisboa, Livros Horizonte, 2007, p. 9.

4 Fouad Ajami, “A Convocação”, in *O Choque das Civilizações? – o debate sobre a tese de Samuel P. Huntington*, Lisboa, Gradiva, 1999, p. 34.

próxima do México e da Índia do que de qualquer país *ocidental*. Não por acaso, Huntington é uma das vozes mais críticas da crescente influência hispânica e asiática na América.⁵ Resumindo: a tese de Huntington corresponde mais «aos desejos de Bin Laden do que à realidade actual».⁶

A doutrina multiculturalista⁷ não aceita um facto: «a cultura não fica parada» (p. 154). Para os multiculturalistas, a cultura é uma realidade tão definitiva e imóvel como a biologia e, por isso, o Estado deve financiar o imobilismo cultural de uma comunidade. Os multiculturalistas ingressam no irracionalismo e relativismo devedores da predisposição romântica quando afirmam que «não podemos invocar critérios de comportamento racional que não os que ocorrem na comunidade a que pertencemos» (p. 64). Este relativismo historicista foi o centro da velha direita romântica, nacionalista e anti-iluminista do século XIX e da primeira metade do século XX. Tal como velhos teóricos da direita reacçãoária (Tönnies, Herder, Fichte), os “progressistas” multiculturalistas afirmam que o indivíduo não tem acesso a qualquer identidade independente da comunidade onde nasceu; o passado cultural onde se insere determina sempre a sua ética e o seu raciocínio.

Sen é particularmente crítico em relação às políticas multiculturalistas da Grã-Bretanha. O exemplo paradigmático (destacado ao longo do livro) é o seguinte: as crianças muçulmanas que nascem no Reino Unido frequentam escolas de fé (*faith schools*) patrocinadas pelo Estado. Ou seja, Londres financia e legitima um ensino baseado na exclusividade da fé. Se nasceu muçulmana, a criança X vai para uma escola exclusiva para muçulmanos; a criança é educada no culto da «aceitação acrítica da fé em detrimento de uma ponderação crítica» (p.212). Herder, o primeiro dos românticos germânicos, aquele que lançou a semente anti-iluminista, sentir-se-ia em casa neste “progressismo” multicultural.⁸ É que o resultado deste “progressismo” não é uma convivência cosmopolita numa *sociedade*, mas sim uma divisão entre *comunidades* que não passam de guetos institucionalizados. E também Tönnies reconhecera esta

5 Ver Samuel Huntington, *Who Are We?*, New York, Simon & Schuster, 2004.

6 Pascal Boniface, *As Lições do 11 de Setembro*, Livros do Horizonte, Lisboa, 2002, p. 10.

7 Para uma descrição da ideologia e das políticas multiculturalistas, ver José Pedro Teixeira Fernandes, “Multiculturalismo e Segurança Societal”, in *Relações Internacionais*, 9 (Março 2006), pp. 129-149; José Pedro Teixeira Fernandes, “Multiculturalismo como ideologia e política pública”, in *Atlântico*, 10 (Janeiro 2006), pp. 37-9.

8 «Um homem isolado» «seria sempre uma flor roubada às suas raízes, arrancada ao tronco a que pertence, caída por terra para murchar». Cf. Herder, *Ensaio sobre a Origem da Linguagem*, Lisboa, Antígona, 1997 [1772], p. 163.

divisão. No século XIX, já em pura reacção nacionalista contra a Modernidade francesa e britânica, Tönnies construiu a expressão máxima do romantismo germânico através do confronto entre *Gemeinschaft* (Comunidade) e *Gesellschaft* (Sociedade).⁹ Tönnies contrastava a vitalidade da convivência íntima, familiar e exclusivista da *Comunidade* com a - suposta - desumanidade da *Sociedade*, composta - supostamente - por estranhos e regida por contratos legais e não por laços de pertença afectivos e étnicos. Hoje, o multiculturalismo repete esta linha de pensamento. Por essa razão, Pascal Bruckner afirma que o multiculturalismo não passa de nacionalismo para as minorias.¹⁰

Se Huntington transforma o mundo numa federação de religiões, o multiculturalismo transformou a Grã-Bretanha numa «federação de comunidades» (p. 160). E «apesar das implicações tirânicas de arrumar as pessoas em categorias rígidas que correspondam a comunidades específicas, esta visão é frequentemente interpretada, de forma bastante desconcertante, como aliada da liberdade individual» (p. 207). E este ponto é essencial. O multiculturalismo aparece sempre vestido com a indumentária progressista: defensor da liberdade dos não-ocidentais contra a opressão da maioria branca. Ora, esta é uma «grande fraude», para usarmos a expressão de Fernando Savater. Porque estamos perante um raciocínio reaccionário que foi transformado numa causa - supostamente - progressista; aquilo que, no passado, pertencia à extrema-direita é, hoje, santificado pelo *politicamente correcto*¹¹ progressista.¹² Em termos formais e epistemológicos, os multiculturalistas de hoje reproduzem o pensamento romântico e reaccionário da velha direita.¹³

Impondo uma visão cosmopolita e realmente progressista (sem aspas), Sen distingue *liberdade cultural* de *preservação cultural* (pp. 154-155). Se a liberdade de escolha é importante, então, o resultado dessa liberdade de escolha tem de ser valorizado e não

9 Ver Ferdinand Tönnies, *Community and Association*, London, Routledge & Kegan Paul, 1974 [1887].

10 Ver Pascal Bruckner, “Multiculturalism: Nationalism of the Minorities”, in *New Perspectives Quarterly*, 23, 3 (Summer 2006).

11 Aquilo que apelidamos de *politicamente correcto* confunde-se com o *multiculturalismo*. Ver Anthony Browne, *The Retreat of Reason, Political Correctness and Corruption of Public Debate in Modern Britain*, London, Civitas, 2006.

12 Ver Fernando Savater, *El Gran Fraude*, Madrid, Aguilar, 2004.

13 Ver Kenan Malik, “Equal vs Plural”, “Against Multiculturalism” e “Race, Pluralism and the Meaning of Difference”, disponíveis em www.kenanmalik.com; Ver ainda Luc Ferry e André Comte-Sponville, *A Sabedoria dos Modernos*, Lisboa, Piaget, 2000 [1998], pp. 67-68 e 75; Jean-François Revel, *A Grande Parada*, Lisboa, Editorial Notícias, 2001, p. 312; Alain Renaut, «Traumatismos do Pós-Guerra», in Alain Renaut (dir.), *História da Filosofia Política*, vol. 5, Lisboa, Instituto Piaget, 2002 [2000], p. 14.

pode ser negado pela imposição de uma preservação cultural inquestionável. Como aponta Sen, os “progressistas” multiculturalistas, ao fazerem uma defesa dogmática da preservação/diversidade cultural, acabam por cair no reaccionarismo cultural contrário à liberdade de escolha individual: «será que então, em prol da *diversidade cultural*, devemos apoiar o *conservadorismo cultural* e pedir às pessoas que mantenham o seu próprio passado cultural e não adoptar outros estilos de vida, mesmo quando tenham boas razões para isso?» (p. 158). Neste sentido, Sen faz a distinção entre uma *sociedade multicultural* (isto é, cosmopolita, onde a diversidade é o resultado da livre escolha dos indivíduos) e o «monoculturalismo plural» (p. 205) imposto pelo Estado. Como salientou Roger Kimball, «what generally travels under the name of ‘multiculturalism’ is really a form of mono-cultural animus directed against the dominant culture».¹⁴ Um exemplo oferecido por Sen comprova esta asserção de Kimball: uma jovem muçulmana pretender sair com um rapaz inglês (coisa normal numa sociedade cosmopolita), mas esse intento é travado pelos *guardiões* da comunidade e pelos pais da rapariga. Ora, é «precisamente a proibição dos pais, que contribui para o monoculturalismo plural, que parece receber a defesa mais clara e visível dos alegados multiculturalistas, com base na importância de honrar as culturas tradicionais, como se a liberdade da jovem não tivesse qualquer relevância» (p. 206). Os multiculturalistas afirmam que todas as culturas são autênticas nos seus próprios termos e que ninguém tem o direito de integrar membros de outras culturas nas regras das sociedades liberais.¹⁵ A possibilidade de uma rapariga não-branca se *ocidentalizar* através do contacto com os rapazes da maioria inglesa escandaliza os dogmas multiculturais; para os multiculturalistas, os direitos da rapariga são *inferiores* aos direitos da comunidade. No multiculturalismo, como no velho nacionalismo, só há direitos colectivos. Para Fichte, dado que existia «apenas o grupo - *Gattung*», a liberdade individual passou a ser «uma escolha efectuada por algo sobre-individual».¹⁶ Para o romântico Fichte, a liberdade existia para a comunidade, para a nação e não para o indivíduo. Os multiculturalistas repetem o paradoxo de Fichte: proclamam que *X* é *livre* no momento em que *X* perde a sua liberdade para a comunidade.

Por fim, Sen não tem qualquer pudor em estabelecer umnexo de causalidade entre as políticas multiculturalistas e os atentados terroristas do 7/7. Afinal, três décadas de

14 Roger Kimball, “Institutionalizing our demise: América vs. multiculturalism”, in *New Criterion*, 20, 10 (June 2004), p. 7.

15 Ver Keith Windschuttle, “The Ethnocentrism of Clifford Geertz”, in *New Criterion*, 21, 2 (October 2002).

16 Ver Isaiah Berlin, *Rousseau e Outros Cinco Inimigos da Liberdade*, Lisboa, Gradiva, 2005, pp. 94-98.

políticas multiculturalistas produziram o seguinte: 40% dos britânicos muçulmanos deseja ver a *sharia* introduzida na Grã-Bretanha, ou seja, 800 mil pessoas querem viver à parte, usando um mecanismo *legal* que é a completa negação da lei britânica. Neste ambiente de divisão entre comunidades programada por lei, é natural que os jovens muçulmanos sejam «incapazes de aderir à sociedade onde vivem» e acabem por ser atraídos pela violência legitimada pelo islamismo «como prova derradeira da sua identidade». ¹⁷ A ameaça à segurança dos ingleses não está no Médio Oriente, mas sim no coração de Londres e demais cidades britânicas. O 7/7 foi preparado em Leeds e não em Teerão (o 9/11 foi preparado em Hamburgo e não em Bagdad). Estes atentados foram executados por jovens muçulmanos que vivem na sociedade ocidental e não nas sociedades árabes; jovens que vivem à margem da sociedade porque, simplesmente, os estados ocidentais foram colhidos pela noção de que integrar um jovem muçulmano é uma violência cultural ilegítima e violentadora dos direitos culturais. ¹⁸ O 7/7, antes de ser fruto do *qutbismo* ou *wahhabismo* das arábias, é filho do multiculturalismo britânico.

Em suma, as abordagens comunitaristas constituem «a maior barreira intelectual» (p. 76) à análise da política contemporânea. E este problema começa logo em casa. A Grã-Bretanha de Tony Blair é disso um exemplo. Repare-se: o mesmo Estado - Grã-Bretanha - que defende o universalismo dos valores humanistas e iluministas no exterior (intervencionismo liberal de Tony Blair) é o mesmo Estado que, internamente, nega esse universalismo quando patrocina um ensino baseado num *apartheid* religioso que, sem rodeios, representa a negação dos pilares da democracia liberal - a mesma democracia liberal que Blair quis exportar para o Iraque. Eis um paradoxo pouco salientado na literatura. Blair foi universalista no exterior mas relativista no interior. Foi *Mill* no sistema inter-estatal (face externa do Estado), mas foi *Herder* dentro de portas (face interna do Estado). Um paradoxo que merece um desenvolvimento num espaço mais alargado.

Henrique Raposo

¹⁷ Roger Scruton, *O Ocidente e o Resto*, Lisboa, Guerra e Paz, 2006, p. 140.

¹⁸ Ver desconstrução do relativismo multiculturalista e crítica das políticas multiculturalistas em Patrick West, *The Poverty of Multiculturalism*, London, Civitas, 2005.